

República, Guerra e Colónias – um “destino” cruzado do devir português – LUÍS FARINHA

Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da

UNL

luis.farinha@sapo.pt

“Nós existimos na história, livres, porque resistimos à Espanha e nos prolongámos além do mar”

Augusto Casimiro, *Reconquista de Angola*, in *Província de Angola*, 15/8/1960

Esta comunicação pretende buscar nalguns percursos individuais, como o de Augusto Casimiro, poeta da “Renascença Portuguesa” e herói quixotesco do *Front*, a revelação de uma singularidade individual que, radicada na “saudade”, se dispõe a redescobrir, no “passado lusíada”, o caminho das “novos destinos” africanos de Portugal.

Como muitos jovens da sua geração – a de 1910 - , Augusto Casimiro, procurou vingar a “humilhação” da geração de 1890 em actos heróicos de “missionação laica” nas “novas índias” africanas. Empenhou a Palavra (de poeta) na “nova largada”, que não era mais do que a da “missão civilizadora” de criação dos “novos brasis” em África. Amigo e companheiro de Norton de Matos em Angola, interrompeu aí, em 1915, a sua missão de marcação de fronteiras nas florestas do Congo e acompanhou o Governador na “nova epopeia” de defesa do Império nos campos da Flandres.

Deus – Pátria – Mundo – três desígnios do devir humano, cívico e intelectual de Augusto Casimiro – o “Poeta-Soldado”. “Poeta de acção”, começou na “Renascença Portuguesa” o seu combate ao desânimo nacional, ao mesmo tempo que “Por Prometeu, por Buda e por Jesus” se lhe revelou o caminho universal da “Revolução igualitária”. Deste “horizonte radioso”, que formulou como homem e como poeta – uma nova “era luminosa do futuro” -, se foi acercando, por um “sonho terrestre de vidente”, à sua objectivização histórica concreta: a realização da “utopia lusitana”. Portugal nascera de Aljubarrota, mas só vencera a absorção do gigante ibérico quando estendeu os seus

braços “Além-Mar”. Portugal só fora grande (e independente) quando se abriu ao Mundo.

Ora, desde 1890 que o país se via ameaçado no seu destino civilizador, especialmente em África. Angola precisava do esforço dos novos apóstolos dos tempos modernos: soldados, engenheiros, missionários...

Augusto Casimiro deixou o seu ofício de poeta e partiu para as fronteiras do Congo em 1914 e para a frente da Flandres em 1917. Aprofundou nessas “missões” o seu sentido do devir português – o de um homem lusíada, animado da alma dos antepassados e “...em busca do céu através dos abismos”. A obra era desmesuradamente grande para um país tão pequeno, mas os portugueses já tinham mostrado que tinham sido capazes de “passar o Bojador”.

Em seu *Diário Imperfeito* se auto-define como um “homem, soldado e poeta sempre a sonhar um sonho e a tentar realizá-lo”. Lutou na Flandres e em Angola pelo mesmo desígnio – dar a Portugal o lugar que considerava pertencer-lhe no novo concerto das nações coloniais de finais do séc. XIX e início do seguinte. Desde a “Renascença Portuguesa” até à “Seara Nova”, sempre pertenceu àquele escasso grupo de portugueses a quem não bastava uma República qualquer. Por isso se opôs ao consulado de Sidónio e depois à Ditadura Militar que, para enganar os homens, se travestira de republicana.

Colaborou com a República até lhe ser cívica e politicamente possível, mesmo já depois de a Ditadura Militar se ter instalado. Porém, essa nova República, não era aquela que ele (como todos os Seareiros) desejavam. Em 1930 afastou-se da Ditadura, por saber que estava comprometido o seu sonho civilizador em África e por aspirar a uma República democrática. Comprometeu a carreira, sofreu a prisão e o desterro, mas não transigiu.

Quando, a seguir à Segunda Guerra insistiu na “recolonização” da África, foi porque lhe pareceu que o Estado Novo tinha perdido demasiado tempo e tinha sido imprevidente. O que propunha era uma “reconquista” pacífica de Angola, baseada na cooperação entre brancos e negros e orientada pelas novas orientações internacionais sobre a tutela dos povos colonizados.

Este é um percurso único, mas com muitas linhas paralelas. Amigos e companheiros de armas – como Jaime Cortesão ou Cunha Leal – pertenceram a este grupo de homens que

sempre aspiraram – até à morte nalguns casos – por um “Portugal maior”. Pátria, República e Império são a trilogia da sua “aventura lusitana”. A Guerra, essa foi apenas a prova colocada no caminho destes “semi-deuses” lusíadas.